



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Augusto de Lima

Símbolos



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

Símbolos

Augusto de Lima

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1892.

Livro Digital nº 651 - 2ª Edição - São Paulo, 2018.

Poesia - Literatura Brasileira.

Antônio Augusto de Lima
(1859-1934)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE

ALGO MAIS: O poeta liberal.....	1
TERCEIRA PARTE - DÚVIDA	
O fim do século.....	4
Nostalgia panteísta.....	6
Ecos e reflexos.....	7
Sísifo.....	8
Correspondência.....	9
Colisão.....	9
História de uma fonte.....	10
Babel.....	12
Paradoxo.....	13
Pelo espaço.....	14
<i>Latet Anguis</i>	14
Volta ao passado.....	15
O reino mineral.....	16
Esperança e Saudade.....	17
Amor fantasista.....	18
Dois desertos.....	19
Mundo interior.....	19
Riso e pranto.....	21
Fragmento.....	21
Riso de caveira.....	23
Contradições.....	24
D Quixote.....	25
Viagem eterna.....	26
A um cego.....	27
<i>Ad Majorem Dei Gloriam</i>	27
<i>Nemo contentus</i>	29
Coro das esferas.....	29
Metamorfose.....	30

SEGUNDA PARTE - AFETOS

Ressonância.....	32
Psicologia.....	32
Puberdade.....	33
Flor marinha.....	33
Cantemos!	34
A serenata.....	35
O laranjal.....	36
As lembranças.....	37
A voz do mar.....	38
A uma poetisa satírica.....	40
Palavras de um amante.....	40
Almas paralelas.....	43
Poemas íntimos.....	43
A morte do poeta.....	47
Inverno e estio.....	48
O gemido.....	48
A meu filho.....	49
Floresta e mar.....	49
A pureza.....	50
Indestrutível.....	51
Devaneio fúnebre.....	52
Teófilo Dias.....	53
Francisco Otaviano.....	54
A águia cega.....	54

TERCEIRA PARTE - NEGAÇÃO

Nunca!	56
A um otimista.....	56
<i>Humus homo</i>	57
<i>De Profundis</i>	57
Estâncias filosóficas.....	58

O POETA LIBERAL

Num bonde de Gávea, uma noite, eu pensava na impressão que traria de volta desse passeio.

Era meu destino o ponto terminal da linha, ou melhor, a casa do grande poeta Augusto de Lima, o profundo pensador e grande artista das *Contemporâneas*.

Levava-me ao encontro do mestre, sobretudo, o desejo de ouvir e falar com o poeta que mais me impressionara na minha minguada formação literária, quando nos arremessos da mocidade, eu, de cabelos ao vento, recitava *Angélica*, achando, como ainda hoje, a síntese da verdade filosófica neste verso:

“São parecidas todas as caveiras”.

Seriam 21 horas quando me fiz anunciar do ilustre acadêmico e, então, operoso deputado por Minas Gerais.

O meu nome pouco conhecido e ainda menos recomendável no mundo das letras, não deixou (felicidade minha) de merecer a atenção do mestre.

E assim fui recebido numa sala ampla, de amplo conforto, com requintes de gosto e de zelo; telas ornando as paredes numa evocação silenciosa...

Fatalmente, um piano, mesmo na sua quietude dolorosa, guardando no seu âmago todas as dores e desesperações dos grandes gênios que o entenderam, nunca deixa de ser uma evocação...

Começou Augusto de Lima por falar da sua viagem ao Nordeste, chefiando a Caravana Liberal. Disse coisas maravilhosas sobre a beleza do Recife, sobre o aspecto pitoresco de alguns subúrbios, notadamente Jaboatão.

Mas era maior o seu entusiasmo ao referir-se às manifestações que a caravana havia recebido em Pernambuco.

Sobre esse assunto pouco falamos, dado o meu desinteresse pela questão política que, então, agitava o país.

E em meio de nossa palestra veio-me uma grande tristeza, uma quase desolação.

Falando-me do meio literário de Pernambuco, o grande poeta Augusto de Lima citou o nome do ilustrado filólogo Dr. Júlio Pires e, depois, com certa dificuldade de memória (vejam como são conhecidos os nossos literatos) perguntava pelo nome de uma menina que no Recife lhe oferecera um retrato em que, além da ofertante, se via uma caveira que, talvez por ignorância ou esquecimento, deixara de subscrever também a dedicatória.

— É, dizia-me Augusto de Lima, uma apaixonada por Baudelaire.

Eu que conhecia porque também possuo esse retrato, disse ao mestre chamar-se essa criatura Marta de Holanda, a luminosa escritora que muito breve dará à inteligência brasileira a prova solene do seu talento — as páginas de profundo idealismo do seu *Delírio do Nada*.

E foi com surda indignação que eu clamei contra esse desconhecimento do nosso meio literário.

Como me cumpria, eu disse então para o brilhante artífice das *Contemporâneas*:

— Mestre! O meio literário de Pernambuco não é tão minguido como pode supor.

Sem falar nos velhos já consagrados, poderei citar nomes que definem um meio porque realmente podem representar uma literatura. E depois de aludir a Joaquim Insoja de quem eu já ouvira as melhores referências do douto Graça Aranha, lembrei ao mestre os nomes de Lucilo Varejão, Mário Sette, Luís Delgado, Agripino da Silva, Raul Monteiro, Paulino de Andrade, Jarbas Peixoto, Esdras Farias, Ascenso Ferreira e, para terminar, falei com mais ardor desse grande poeta-menino eterno Austro Costa.

Mas, não terminei, porque se o mestre conhecia um filólogo pernambucano, eu estava no dever de afirmar que em Pernambuco há também filólogos, e unindo essa palavra ao espírito moço, citei o um desse estudioso da nossa língua que é Caio Pereira.

Augusta de Lima desculpava-se desse seu desconhecimento das nossas coisas literárias, o que, dizia eu, era motivado pelo excesso de trabalho que lhe vinha dando a seu cargo de secretário da Aliança Liberal.

Grande Augusto de Lima! O que arte divinizou, só aparentemente pode ser diminuído por essa coisa hedionda — a política.

Deixa-se de ser deputado, mas não se deixa de ser poeta.

É o caso do mestre.

SILVINO LOPES

Jornal Pequeno, 5 de julho de 1930.

SÍMBOLOS



PRIMEIRA PARTE

DÚVIDA

A Teófilo Dias



FIM DOS SÉCULOS

A Moniz Freire

O século declina: é tarde no Planeta.
Todos tremem fitando a cíclica ampulheta,
quando, banhada já na aurora do seguinte,
da areia o último grão rolar:
– Século XX!

Grande foi a jornada. É chegado o momento
do repouso final, hora de testamento.
O espírito analisa, em rápido inventário,
o que pôde formar no espólio centenário:
o telégrafo uniu os velhos continentes;
a civilização uniu todas as gentes.
Ao verbo criador do Gênio, num só dia,
o sol da Indústria, a luz elétrica surgia.

Mergulharam, sutis, sondas do engenho humano,
o aerostato no espaço e o escafandro no oceano.
O infusório cresceu à luz do microscópio;
o infinito jorrou mundos ao telescópio.
O átomo foi medido, o céu teve igual sorte;

analisou-se a vida e analisou-se a morte.

Mas depois que, da ciência, as zonas perlustrara,
ao entrar o homem na alma, a alma lhe disse: “Para!”

Então, desanimado, em torno lança a vista
e, descrendo de sua universal conquista,
na febre do saber, que o atrai e que o repele,
vê: – Mistério a seus pés, mistério acima dele
e dentro em si, na luz e na treva – mistério.

A ciência que traçou no labirinto etéreo,
da estrada sideral a indefinida linha,
no espírito, entretanto, um palmo não caminha!

Demais, a perfeição fora tocar-lhe a meta,
pois que, sem isto, a ciência é uma ilusão completa.

E viu o homem, perdida a crença de seus sonhos,
dentro de cada abismo abismos mais medonhos.
O destino é um problema, outro problema a origem:
que poder nos criou, que forças nos dirigem?
A eternidade é um traço, e nós e o verme e a estrela
menos somos que um ponto imperceptível dela.

Eis a herança que lega o século cadente
à pobre humanidade ávida e impaciente,
sem cessar batalhando em todos os terrenos:
– Alguns mundos de mais, muitas crenças de menos.

E, quando a última crença, estrela transitória,
de todo se extinguir na larga trajetória
que a ambição lhe traçou, através da Matéria,
buscando o último sol na última raia etérea?!

Ai de nós! que será se, novo Édipo, a ciência
confunde a antiga Esfinge invencível e vence-a,
entrando dentro da alma, ao nosso olhar velada,
para dizer: “O enigma é simplesmente... nada”?!

Sol, que tombas no ocaso, os teus futuros dias,

vindos na sucessão das épocas sombrias,
que, de assombros, trarão de trágica surpresa
ao homem, rei de posto em frente à Natureza!
É possível que, então, depois de longo eclipse,
como quem percorreu a curva de uma elipse
volta ao ponto inicial donde partiu, a crença
há de talvez voltar de novo mais intensa;
que é lei da Evolução marchar eternamente,
sem nunca exorbitar da esfera contingente,
de novo percorrendo os pontos percorridos
e, sem cessar, seguindo os trâmites seguidos.

Se este século, ó sol, também no seu ocaso,
vai marcar ao progresso humano o último prazo;
extinta a crença, extinto o ingênuo fetichismo,
ó sol, sublime Helioth, do teu sagrado abismo,
manda um raio incendiado em cólera divina!
Fulmina a humanidade e com ela fulmina

o esfalfado planeta! A História está bem cheia;
por que recomeçar a trágica Odisseia?!



NOSTALGIA PANTEÍSTA

Um dia, interrogando o níveo seio
de uma concha voltada contra o ouvido,
um longínquo rumor, como um gemido,
ouvi plangente e de saudades cheio.

Esse rumor tristíssimo, escutei-o:
é a música das ondas, é o bramido,
que ela guarda por tempo indefinido,
das solidões marinhas donde veio.

Homem, concha exilada, igual lamento

em ti mesmo ouvirás, se ouvido atento
aos recessos do espírito volveres.

É de saudade, esse lamento humano,
de uma vida anterior, pátrio oceano
da unidade concêntrica dos seres.



ECOS E REFLEXOS

(A Araripe Júnior)

Ao nascer cada um recebe
um prisma risonho ou triste;
por ele vê quanto existe
na própria impressão que bebe.

Não raro a vista mais fina
se ilude e aquilo que vemos
é uma imagem que trazemos
impressa em nossa retina.

Se, as costas à luz voltadas,
andamos, eis que, adiante,
uma sombra itinerante
nos guia em nossas jornadas.

Falas aos ecos? As frases
dos ecos soltas, disjuntas,
são outras tantas perguntas
às perguntas que lhes fazes.

Conosco os destinos jogam,
mudando os berços em lousas
interrogamos as coisas
e as coisas nos interrogam.

Se lanças teus olhos, a esmo,
em qualquer ponto da terra,
cada fenómeno encerra
uma porção de ti mesmo.

Mas, se na vaga defesa
da alma, deres um mergulho,
apesar de teu orgulho,
naufragarás com certeza.

Nessa vaga escura, imensa,
morrerás, novo Leandro,
mesmo vestindo o escafandro
quer da razão, quer da crença!



SÍSIFO

Por um alto desígnio e lei estranha,
há muito cumpro a original sentença
de guindar uma rocha a uma montanha,
até que fique imóvel e suspensa.

Vou a subir; porém, mole tamanha,
na luta ascensional, quem há que vença?
Eis que solta, rolando, o abismo ganha,
quando, firme no píncaro, se pensa.

Até quando esta luta? O tempo voa,
na hecatombe das horas se esboroa
a esperança que, ao alto, me envereda.

Vamos! Coragem! Um supremo esforço:
que a penha galgue da montanha o dorso,
ou que, ao menos, me esmague em sua queda!



CORRESPONDÊNCIA

I

“Prisma, disse a Harmonia, dá-me as tintas
com que no íris a luz etérea esgotas.”
Responde o Prisma: “Dá-me as sete notas
com que os humanos sentimentos pintas.”

Intervém o Perfume: “Inutilmente
unir-vos-eis sem mim, alma das flores
das sete notas e das sete cores
guardo a aliança no meu seio ardente.”

II

Há, com efeito, acordes no perfume,
de intenso colorido harmonioso,
que, no delíquio do supremo gozo,
as sensações universais resume.

Nossos olhos não veem, nossos ouvidos
não escutam; mas a alma inebriada
ouve cantar, na abóbada azulada,
os cintilantes astros comovidos.

Na embriaguez das flores, quando assoma,
entre sonhos, a morte, há de ser grato,
a alma romper nas sensações do olfato
e a vida evaporar em pleno Aroma!



COLISÃO

A vida é um mal; a morte, um bem incerto.

Maldizendo da vida, temos medo
dessa esfinge que, do alto do rochedo,
nos dita o enigma trágico, encoberto.

Maldizemos da vida; mas o certo
é que, ao fim, se desvenda esse segredo;
essa vida, termina tarde ou cedo,
essa morte nos leva longe ou perto.

Ao nada? À natureza? Aonde nos leva?
À luz eterna, à irreparável treva,
onde a dor de outros tempos se suporte?

Se fugimos da vida, que incerteza!
Se evitamos a morte... ó Natureza,
que tédio a vida, que terror a morte!



HISTÓRIA DE UMA FONTE

Que vida tão curta a nossa
e a tantas lutas entregue!
Nossa alma ideais persegue,
embora obtê-los não possa.

Sei de uma fonte que brota
de agreste penha, num ermo,
e cai, por anos sem termo,
lentamente, gota a gota...

É tão pequena, que quase,
à luz do sol, se evapora;
mas tanto correu, que agora
tem uma pia na base.

Na pia já se presume

mais forte e não se recorda
da humilde origem: – transborda
vaidosa de seu volume.

Ferve, espuma, rodopia
e, em meandros derivando,
com murmúrio doce e brando,
e ei-la a correr noite e dia...

Sorri-lhe o oceano já perto,
os corais abrem-lhe arcadas,
e mil conchas nacaradas
ostentam-lhe o seio aberto.

Que futuro! Tu, mesquinha
fonte nascida entre abrolhos,
num abrir e fechar de olhos
tornada vaga marinha!

Veres as gotas obscuras,
tu, misérrima água doce,
do sal das ondas na posse,
entre as pérolas mais puras;

Livre dos saltos violentos,
em que hoje te dilaceras,
livre da goela das feras
e dos rochedos sedentos;

No alcochoado da espuma,
sobre o dorso azul das vagas,
– eis a ventura que afagas
sem mais ambição nenhuma.

No meio, porém, do sonho
desta visão favorita,
a fonte se precipita

num desengano medonho.

Sorve-a toda no rochedo
fenda profunda rasgada,
mas tão estreita e acanhada
que nela mal cabe um dedo.

Nutrindo ainda a esperança
de encher o abismo algum dia,
nasce e, correndo, porfia
e para o báratro avança.

Mas, nessa eterna revolta
contra a ventura, que a esquece,
por uma fenda aparece,
por outra vai e não volta.



BABEL

Humanidade, elevas teu lamento
como uma torre de Babel maldita:
tens sobre a fronte a abóbada infinita;
mas tens preso na terra o pensamento.

Tua alma aberta ao sideral assento,
debalde geme e chora e clama e grita;
há de a torre blasfema que ela habita
ruir num grande desmoronamento.

Será no dia em que, de todo, a crença
compreender que a vastidão imensa
já não encerra as ilusões divinas.

A razão, sobreviva ao cataclismo,
levantará nova Babel do abismo...

– Feliz quem perecer sob as ruínas!



PARADOXO

À fumaça ligeira se costuma
comparar o que é vão e fugitivo
e não há fogo que se não presuma
substancioso, duradouro e vivo.

“Labareda da fé”, é o velho estilo,
“chama sagrada, fogo do talento”,
enquanto é fumo e é nada tudo aquilo
que é leve e acaba em rápido momento.

Que preconceito! Extinta, a chama escassa
no obscuro combustível, que a prendera,
ainda sobe a trêmula fumaça
na curva azul da ilimitada esfera.

E, quanto menos densa, mais se espraia
em transparência, em extensão fecunda;
ascende, sutilha-se e desmaia
no vasto espaço que a amplidão circunda.

Vai-se – não se aniquila: como d’antes,
o mesmo fumo permanece ileso;
seus invisíveis átomos errantes
gravitam sobre corpos de mais peso.

E ele – nuvem levíssima e modesta –
subsiste eternamente, erra e flutua.
Quanto à chama orgulhosa, ela só resta
na lembrança que o fumo perpétua.



PELO ESPAÇO

Eu disse ao pensamento: “Águia divina,
leva-me além...” E além, subitamente,
pelo sidéreo espaço transparente
arreatou-me a força peregrina.

Durante eras sem fim, foi minha sina
errar pelo infinito, tendo em frente
novos sóis, novos mundos, nova gente,
orbes nascentes e orbes em ruína.

Cheio de tédio, ao Pensamento disse:
“Fora feliz se agora conseguisse
tocar a meta da região etérea”.

E mais rápido fui arrebatado...
Percorri, perscrutei o Ilimitado,
mas não tinha saído da Matéria.



LATET ANGUIS

Não vos fieis muito em flores:
há no jardim mais ameno
junto ao aroma – o veneno –,
entre as delícias – as dores.

Da rosa o espinho pungente
decerto é menos nocivo
do que o perfume expressivo
do filtro que traz latente.

A cada gota de prata,
que sorve a flor, se mistura

uma complexa tintura
que ora alimenta, ora mata.

Do cálice às vezes corre,
convertida em mel, mas vede:
inseto, que tenha sede
e venha a bebê-la – morre!

Mal sabeis, frágeis crianças,
que as inocentes capelas,
com que, para embelecê-las,
toucais as virgínias tranças;

Que as plantas, que cultivastes
com vossos franzinos dedos,
contém terríveis segredos
de química em suas hastes.

Mal sabeis (ingênua sorte!)
que a irmã vossa, a deusa Flora,
filha de outubro e da aurora,
é pérfida mãe da morte!



VOLTA AO PASSADO

Quis rever em memória o santo abrigo
onde deixei as ilusões dormindo.
“Vou despertá-las”, murmurei partindo,
“e hei de trazê-las outra vez comigo.”

Nova e última ilusão. No sítio antigo,
jardim outrora florescente e lindo,
já ninguém dorme: – tudo é morto e findo,
só de cada ilusão resta um jazigo.

Campas sem epitáfio; agora é tudo
um cemitério pavoroso e mudo,
bem que ainda de flores se alcatife.

E, dos ciprestes na última avenida,
vejo a última ilusão que me convida,
martelando nas tábuas de um esquiife!



O REINO MINERAL

Guiado pela luz trêmula de uma tocha,
desci a uma caverna e interroguei à rocha:
“Muda, estéril jazida, onde somente medra
à hera mesquinha, foste, ó pedra, sempre pedra?
Sufocada em carbono, em ciclos sem limite,
choraste sempre assim prantos de estalactite?
Não sentiste da lua o lânguido desmaio?
Nunca o sol te enviou um glorioso raio?
O ar livre, embalsamado em eflúvios suaves,
o ar livre, alma da flor, o ar livre, alma das aves,
não pôde penetrar jamais teu duro seio?
A vida misteriosa, alguma vez, não veio
uma flor, uma planta, uma raiz trazer-te,
avigorando assim tua existência inerte?
Ó pedra, sempre foste o Prometeu cativo
da inação, sem gozar do protoplasma vivo?”
Mas, ao baço clarão da tocha, extinta quase,
estremeceu, por fim, a pedra em sua base,
e tudo começou a ressurgir da morte,
ao clarão de uma luz interior mais forte.
Um bloco de granito intumescido aumenta
e, de acesa esmeralda, em árvores rebenta.
Um seixo abre-se em flor, outro enrubesce em fruto
e basta floração sai do rochedo bruto.
É o reino vegetal em sua plenitude,

na robusta explosão da seiva e da saúde.

Alarga-se o horizonte, e onde quer que se estenda
a vista, um novo mundo imenso se desvenda
de árvores, de animais, de pássaros, de insetos
e de seres, enfim, de múltiplos aspectos.
Monumentos, Babéis, populosas cidades,
esquecidas no pó das prístinas idades,
como num cosmorama ao ressoar da orquestra,
ressurgem ante mim do seio da floresta!
E, num desdobramento enorme, rediviva,
eu vi desabrochar a vida primitiva.

Mas o sol apagou-se e o archote estava extinto.
Mal pude abandonar o escuro labirinto,
ouvindo atrás de mim, com acento tremendo,
uma voz do interior, que vinha me dizendo:
“Formas, viveis, morreis: somente eu sou eterna.”

Foi assim que falou a rocha da caverna.



ESPERANÇA E SAUDADE

Sorte falaz a que nos guia a vida!
Por que há de ser tão rápida a ventura,
que só a amamos, quando é já perdida
ou depende de uma época futura?

O que o presente mal nos afigura
era esperança, há pouco apetecida,
e, uma vez no passado, eis que perdura
como saudade que não mais se olvida.

Há sempre queixas do atual momento
e, entre as datas, se eleva o pensamento,

como uma ponte de sombrio aspecto.

Em busca da ventura que ignoramos,
temos saudade ao bem que não gozamos,
ilusão de ilusões, sonho completo!



AMOR FANTASISTA

Almas felizes, almas dos que se amam.
Embevecidos em seu puro afeto,
enquanto, firmes, na paixão se inflamam,
tudo reveste um portentoso aspecto.

Asas abertas, como pandas velas,
ei-las de cosmo em cosmo arrebatadas:
sobre as cabeças rolam-lhes estrelas,
como flamínias flores desfolhadas.

As harmonias do éter as embalam,
o azul do espaço puro as oxigena;
a luz descanta, as nebulosas falam
na vastidão da abóbada serena...

E elas, detendo o grandioso arroubo,
lançam atrás o olhar: – no sorvedouro
vêm, com espanto, sobre o escuro globo,
fundir-se o sol em cataratas de ouro!

Almas ingênuas, mais realidade!
Despertai desse sonho mentiroso;
que o vosso amor não passa, na verdade,
de uma expressão eufêmica do Gozo!



DOIS DESERTOS

Cerca-me a solidão, vasta ruína
de sonhos mortos, arraial funéreo,
arcabouço tristíssimo do império
que edifiquei na mente peregrina.

Vivo, porque me lembro e me calcina
ainda a dor humana: o mais – mistério...

Nesta arena, teatro e cemitério,
que termo estranho a sorte me destina?

Por fim, a própria dor, preço da vida,
saciada fera, após luta renhida,
há dê-me, um dia, abandonar decerto.

E, insensível, aos gozos e à tristeza,
Hei de ficar em frente à Natureza,
como um deserto em frente a outro deserto.



MUNDO INTERIOR

Quem me vê meditabundo
e de olhos fechados, brada:
“Eis uma alma encarcerada,
indiferente a este mundo.”

Mal sabe a turba inesperta
que, por mais que se retraia
de nossa matéria a raia,
mais a razão se liberta.

Pois, da abstração da Utopia,
surge não raro um compasso;
é um sonho infinito o espaço,

mas real a astronomia.

Se sondo, investigo, estudo,
buscando a ciência que almejo,
fito os astros – nada vejo –,
cerro os olhos – vejo tudo.

Nas horas em que medito
(quão breves são essas horas!).
em minha alma abrem-se auroras
com portas para o infinito.

Nesse mundo de esplendores,
com os sentidos devoro
o acorde, prisma sonoro,
o prisma, acorde das cores.

E, para que mais me encante,
o pensamento divino
torna-me o olfato mais fino
e a vista, mais penetrante.

Quanto à minha alma, entretém-na
a harmonia eternamente;
porque o silêncio inclemente
só na matéria é que reina.



RISO E PRANTO

Duas frações o grande todo humano
encerra: uma que ri, outra que chora.
Dúplice monstro, contrastado Jano,
tem numa face – a noite e noutra – a aurora.

Mas, em seu seio, eternamente mora,

como o pólipó no profundo oceano,
a dor que o riso mentiroso inflora,
a mesma dor que verte o pranto insano.

Basta que riso ou lágrima ressume
da contração de um músculo irritado,
temos amor, pesar, ódio ou ciúme.

Nem sempre o riso é uma expressão de agrado,
e, às vezes, quem mais chora se presume
feliz, por parecer mais desgraçado.



FRAGMENTO

O POETA

Pudesse eu minha vista escura e turva
subtrair ao cenário da Existência,
a esse tédio revel, que só se curva
às implacáveis leis da Decadência.

Vida crepuscular, sol de luz baça,
malograda manhã, que ensombra a sorte,
só serves de atestar ao ser que passa
a noite eterna que virá da morte.

A VIDA

Mal me interpretas, louco pessimista,
através de teu prisma obscurecido:
lança em ti mesmo a desvairada vista
e em ti mesmo acharás um desmentido.

Quando a tua tiorba triunfante
cantando, a grande Natureza acorda,
não penses ser tua alma a voz cantante,
sou eu mesma que canto em cada corda.

Não blasfemes à Vida e, para veres
minha imortalidade, se perscrutas
a ciência – basta um fato: pelos seres
sempre da morte triunfei nas lutas.

A MORTE

Efêmera e vaidosa! Quanto mentes
ao grandioso, universal ensino!
És minha irmã, somos os confluentes
do mesmo estuário imenso do Destino.

Nasces de meus destroços, tua boca
vem beber na medula de meus ossos;
és um extremo que outro extremo toca:
que importa a forma dos comuns destroços?

Surges aqui? Eis-me a teu lado; brilhas
ali? Eis-me contigo; e, em toda parte,
onde pompeiam tuas maravilhas,
eu desfraldo também meu estandarte!

A Vida é, pois, a morte e a morte – Vida:
nesta fusão é que o imortal repousa.
Vai-se um, vem outro em linha indefinida,
eis os polos humanos: Berço e Lousa.

Aquele pobre sonhador de há pouco,
rei do engenho, monarca sem vassalo,
enquanto é vivo, tratam-no de louco,
para ser imortal, venho sagrá-lo.

Eu sou a porta da Posteridade;
por mim entram os mártires na História.
Mas a História sou eu e a eternidade
bebe na Vida a imorredoura glória.

O POETA

Vanilóquios! Sois duas parasitas,
duas bocas vorazes que se mordem;
sois as vagas das dores infinitas,
que se chocam em ríspida desordem.

Viver? Lutar. Morrer? Desagregar-se
para lutar de novo em formas novas.
Que importa o nome, se ele é um vão disfarce?
Tantos átomos somos, quantas provas!

A Evolução é uma hecatombe imensa,
a vida – um espetáculo tremendo.
Por mais que, em nós, a vida à morte vença,
há sempre em nós alguém que está morrendo!



RISO DE CAVEIRA

Meu riso data do primeiro instante,
em que num ventre palpitei um dia,
e quando o tenro infante
nasceu chorando, dentro dele eu ria.

Sem dentes ria, esboço primitivo
do sorriso, sem par, dos inocentes;
mas o escárnio incisivo
vinha surgindo à proporção dos dentes.

A formosura humana é muito triste;
ri-me dela, porém, oculta; ri-me
de tudo quanto existe:
Nobres ou más ações, virtude ou crime.

Não se surpreendam da Escritura os sábios
de andar meu riso oculto entre refolhos,

tendo na boca uma mordaca – os lábios –,
nos olhos uma venda – os próprios olhos.

Fibras e nervos, músculos e veias
rasgaram-se com a máscara do rosto
e, rotas as cadeias,
eis o meu riso em liberdade exposto!

Vejo, de minhas órbitas escuras,
o nada humano fátuo, incorrigível,
e as humanas loucuras
em busca do ideal ou do impossível.

Ideal! Impossível! Peregrinos
da jornada brevíssima do mundo,
lede vossos destinos
em meu olhar caótico e profundo.

Muito me ri de vós, sonhos humanos,
eu que também na poeira fui gerada,
a ponto de, pelo volver dos anos,
ossificar-me numa gargalhada...

E, hoje, ao roer-me a cárie dissolvente,
quero deixar de rir; mas já não posso...
E rio eternamente
em minha muda gargalhada de osso!



CONTRADIÇÕES

– Não vos levem do amor as sugestões lascivas.
Mar de vagas azuis na superfície, encerra
no fundo o lodo amargo. almas do amor cativas,
não fora ele e seria um paraíso a terra.

– almas que não amais, a sede vos devora,
um desejo infinito arde em vossas entranhas.
Não é a luz do ideal a que adorais na aurora,
nem vos conduz ao céu a estrada das montanhas.

Amai e vivereis; o amor é o grande centro
da vida, ele alivia o vosso seio enfermo:
é um mar das azuis tendo pérolas dentro;
amai, pois sem o amor a terra fora um ermo.

Fala o Prazer assim: – Vinde, que eu vos protejo.
Diz o Tédio: – Evitai a nódoa deletéria.
E as almas virginais murmuram: – Que desejo!
Mas as outras em coro exclamam: – Que miséria!



D. QUIXOTE

Tempo fecundo aquele em feitos bravos.
Triste Figura, a flor dos cavaleiros,
peregrinava a desfazer agravos
com Sancho, o mais leal dos escudeiros.

Do virginal decoro das virtudes
Paladino, ele, às vezes, num momento,
sozinho suplantava, a golpes rudes,
os moinhos ciclóticos de... vento.

Na sombria armadura legendária,
pulava um coração adamantino:
com ela conquistou a Barataria
e o capacete do feroz Membrino.

Se ao puro bem vencia o mal infando,
era vê-lo, na rápida carreira,
fantástico, sublime, galopando

nas estradas em nuvens de poeira.

Sublime e louco heroísmo! Que loucura
é todo o sentimento que transborda:
o crânio, que adormece em noite escura,
não raro cede ao coração que acorda!

Almas às vezes bem equilibradas
deixam, por ser seu sentimento pouco
– o direito à mercê das gargalhadas,
a justiça num cérebro de louco!

Conseguiste o brasão maravilhoso
com que os heróis os séculos aclamam:
foste um burlesco, um doido, um generoso;
ri-se o mundo de ti, mas todos te amam!



VIAGEM ETERNA

Céu e areia: no céu, um sol candente
e, na areia, seus raios... Caravana,
suspende a marcha audaciosa e insana,
para volver ao teu país detém-te!

Não! que, além no horizonte, lentamente,
surge um sinal de habitação humana.
Ergue-se, em verde bosque, uma choupana
e teu olfato eflúvios bons presente.

Prossegue a caravana e, quando pensa
estar do termo da jornada perto,
vai-se a miragem, era uma miragem.

Cumpres, humanidade, atroz sentença:
Hás de, em vão, percorrer todo o deserto,

não chegarás ao termo da viagem!



A UM CEGO

És cego? Antes o foras desde o berço,
mais te invejara a treva que te invejo.
Se o olhar me diz: “Eu vejo um universo”,
a alma me diz aflita: “Eu nada vejo!”

Melhor não sonhas, se também não vires

o mundo externo que te envolve, e é certo
que não farás das vivas tintas do íris
um enganoso paraíso aberto.

E nem o chorarás perdido. Chore-o
quem tem no firme olhar clara pupila
por ninho de ilusões e, no ilusório,
consume a vida e nele se aniquila.

Somente a treva, irmã do nada, existe.

É por isso que as órbitas vazias
ao céu elevas, suplicante e triste,
termo pedindo a alguém para teus dias!



AD MAJOREM DEI GLORIAM

Ante o vulto senil do Juiz Executivo
compareceu o Algoz, da lei o braço vivo.

Aquele, austero lê; este se curva todo
e, em seguida, se exprime, humilde, deste modo:
“Para glória maior de Deus, Senhor, eu venho
dar conta da missão, de cujo desempenho,
vosso excelso poder por bem houve incumbir-me.

Foi tudo no melhor, pois tenho o braço firme.
O fogo, a fome e o mar tive por ajudantes
para os réus que, em viver, eram recalcitrantes.
Os que fiz expirar, no ecúleo decompostos,
tinham a luz da fé nos macerados rostos.
– Bendito seja Deus! – bradava um ateuista,
e, de todos os mais condenados da lista,
só um impenitente, em seu orgulho pleno,
recusou confessar a lei do Nazareno.
Chorou nos borzeguins, rangeu na corda tesa
e empalado bramiu; mas o ânimo e firmeza
sempre mostrou bradando: – É livre a humanidade;
morra a fé que escraviza e viva a Liberdade! –”.

“E que fizestes dele?”, o juiz inquieto atalha.
“Mandei-o espicaçar a golpes de navalha
e seu corpo sangrento expor ao sol e às moscas;
e, como ainda vivia, entre candentes roscas
de ferro, mandei fosse oprimido o seu ventre.”
E, a despeito de tudo, entre as torturas, entre
o crepitar da carne ardendo, no supremo
paroxismo da dor, o cínico blasfemo
(e o carrasco enxugou a fronte enfebreçada)
disse ainda: “Sou livre!” – e morreu em seguida.

“E do corpo infiel que heis feito?”
“Ao mar lancei-o;
mas, ao cair, meteu-se uma onda de permeio,
que o levou e repôs na praia descoberta,
onde o abutre voraz, de goela sempre aberta,
há de roer-lhe a carne e triturar-lhe os ossos.
Busquei assim cumprir os mandamentos vossos.”

Disse, corteja e sai. E o juiz da lei clemente
continua a leitura imperturbavelmente...



NEMO CONTENTUS

Arde o verão. O milharal definha;
grassa a formiga, a fome se avizinha.
Sob os raios do sol, em que inflamam,
“Ah! quem nos dera a chuva!”, todos clamam.

Dos céus, a chuva irrompe em aguaceiros;
enchem-se os rios, enchem-se os celeiros;
prospera o gado, extingue-se a saúva.
Queixam-se todos: “Que maldita chuva!”

Nem sol, nem chuva: da hibernal neblina,
envolve o espaço a clâmide opalina.
“Que tédio! Antes a chuva francamente!”,
diz um; diz outro: “Antes o sol ardente!”



CORO DAS ESFERAS

(Fragmento)

Os séculos, os dias
vão rolando, rolando...
Das nebulosas manam harmonias,
que se vão em estrelas condensando...

Somos mil, somos uma
num infinito só;
pois, da matéria universal, em suma,
cada planeta é um átomo de pó.

A fração não derroga,
nos paramos fecundos,
a lei da vida que, inflamada, voga
na ondulação harmônica dos mundos.

Aniquilam-se as eras,
extingue-se uma luz...
juntam-se numa esfera outras esferas
pela norma atrativa que as seduz.

Das entranhas da morte,
surgem vitais palpites
e todas vamos ter a mesma sorte
no incorruptível éter sem limites.

A Força nos anima
na conquista a que vamos...
E, através da estelífera campina,
os grandes astros de Hércules buscamos...

E, para além, quem sabe?
quem sabe se não há
um mundo novo, que não mais acabe,
onde os sóis brilhem como brilham cá?

E vamos na corrente
da etérea evolução
boiando, morte e vida juntamente,
polos eternos da Transformação...



METAMORFOSE

Afirmam sábios que, nos verdes mares,
uma exótica planta às vezes brota,
cujo frágil hastil liga a remota
região das algas à região dos ares...

O salso germe, que, no hastil, se apruma,
filho da funda, submarina rocha,

– branco lírio – à flor da água desabrocha,
aljofrado de pérolas de espuma.

E, quando ao sopro do terral se inclina,
e ouve os lamentos de longínqua plaga,
bebendo eflúvios de fragrância vaga,
chora os irmãos da selva e da campina.

Chora; e do espaço mal a noite desce,
raia o cálice em pétalas singelas
e, assimilando o fogo das estrelas
– estrela sobre as ondas fosforesce.

Mas rompe o dia aos beijos da alvorada,
nem mais flor, nem mais astro: é um ente vivo!
Largando o hastil, em que se viu cativo,
o zoófito livre sobrenada...

Ora, isento de peias e de mágoa,
vai perlustrando o líquido caminho,
sem se lembrar do leve hastil mesquinho,
que o suspendeu do fundo à tona da água.

Celebrem outros o sublime arcano,
metamorfose, que a ciência encanta;
quanto a mim, só lastimo a viúva planta,
que ficou sepultada no oceano...

PRIMEIRA PARTE
AFETOS
A minha esposa

RESSONÂNCIA

(A Afonso Celso Júnior)

Há, na escala do alheio sentimento,
mais de uma nota, que, uma vez ferida,
vem despertar-nos na alma adormecida
a mesma vibração, o mesmo acento.

O violoncelo, o mágico instrumento,
basta que um som na orquestra comovida,
com os seus, ressonante, coincida,

ressoa, embora em mudo isolamento.
Mas, se não tem a respectiva corda,
a nenhuma das vozes ele acorda
e, indiferente, se conserva a tudo.

O coração também: em cada fibra
responde a um toque irmão; mas, quando o vibra,
um sentimento estranho – fica mudo...



PSICOLOGIA

A um sincero psicólogo moderno,
“qual a sede do afeto?”, perguntei.
“Bem sei que o afeto é um propulsor interno;
mas onde está, não sei.”

Ao escalpelo, ao bisturi, à sonda,
ao microscópio igual questão foi posta;
e, se alguém esperar que se responda,
ficará sem resposta.

A um moderno cantor da natureza:
“Onde o afeto reside?” Repeti.

– Pôs a mão sobre o peito com firmeza
e respondeu-me: “Aqui.”

É que a ciência deduz e o sábio pensa,
iluminados da razão somente;
mas o poeta, em sua vida intensa,
deduz, cogita e sente...



PUBERDADE

Entre moça e menina, mais ainda
menina do que moça, um pensamento
a enleva... Que há de a criatura linda
pensar, que não consiga num momento?

“Quinze anos já. Por que é que agora afago
certa ideia que, às vezes, tenho em mente,
e destas flores que comigo trago,
dou preferência às de perfume ardente?

Por que será que, envergonhada, coro,
quando me vem à ideia aquele moço?
Quero sorrir – e ao mesmo tempo choro;
sinto vontade de chorar – não posso!”

E a sonhadora lânguida ao espaço
eleva o olhar úmido de desejo:
cinge-lhe o colo a ideia de um abraço,
roça-lhe os lábios a ilusão de um beijo.



FLOR MARINHA

Há, nos seus ademanes curvilíneos,

a doce languidez da vaga esquiva:
seus olhos são dois fúlgidos escrínios
de gemas com que o afeto nos cativa.

Flor das espumas; dos corais sanguíneos
nenhum tem de seus lábios a cor viva;
quanto aos cabelos, meu amor define-os:

– Fios de ébano em onda fugitiva...
Não sou homem do mar; contudo, afago
na alma um doido capricho, um sonho vago,
um vago, sonho singular talvez:

É de um dia na praia surpreendê-la
e unir a minha sorte à sorte dela
sobre o dorso espumante das marés!...



CANTEMOS!

Cantemos, sim! Nossos cantares, goze-os
o mundo, celebrando-os mais e mais:
tu cantarás meigos idílios róseos;
eu, as vermelhas odes marciais.

Eu cantarei a dor, o ceticismo,
a vida em luta, a rispidez da sorte,
o sangue, a treva, as convulsões do abismo
e os descabros trágicos da morte.

Tu cantarás as coisas mais suaves:
o germinar das plantas no jardim,
o alvor da neve, o voejar das aves
e tudo mais que for suave assim.

Canta, mas sem esforço e que a beleza

de teu corpo não sofra com a ideia;
pois não convém à tua natureza
os candentes arrojos da epopeia!

Não deve de teu colo o puro arminho
as irritantes notas acolher:
devem cantar somente nesse ninho
as aves da alegria e do prazer.

Repara em ti! Não fosses tão modesta,
e então dir-te-ia que os mais ricos temas
tens na própria beleza, e só com esta
cantarias poemas e poemas.

Canta! Às vezes, um verso meu acaba
uma estrofe estrondando com fragor:
é o baque de uma ideia que desaba,
ao despertar de um sonho enganador.

Continuarás o interrompido carme,
e, embora as nossas almas em contraste,
há de o mundo louvar-te e há de louvar-me

o que cantei e o que também cantaste.
Mas, no momento de cantar os ternos
hinos do amor singelo, ardente e santo,
então nos ouçam séculos eternos,
cantando num dueto o mesmo canto.



A SERENATA

(À D. Olga de Suckow)

Plenilúnio de Maio em montanhas de Minas!
Canta, ao longe, uma flauta e um violoncelo chora.
Perfuma-se o luar nas flores das campinas,

sutiliza-se o aroma em languidez sonora.

Ao doce encantamento azul das cavatinas,
nessas noites de luz mais belas do que a aurora,
as errantes visões das almas peregrinas
vão voando a cantar pela amplidão afora...

E chora o violoncelo e a flauta, ao longe, canta.
Das montanhas, cantando, a névoa se levanta,
banhada de luar, de sonhos, de harmonia.

Com profano rumor, porém, desponta o dia,
E, na última porção da névoa transparente,
a flauta e o violoncelo expiram lentamente.



O LARANJAL

(*A Coelho Neto*)

A Flora virginal do cândido noivado,
uma vez, ao passar por um extenso prado,
disse: “Aqui vou fazer um ninho para o amor.”

Nesse instante, a manhã jorrava seu fulgor,
como um leque de luz aberto sobre os montes;
um beijo efluvioso enchia os horizontes,
fazendo uma carícia em tudo palpitar.

Não havia fugir, era forçoso amar.
Então, a cornucópia abrindo, a deusa disse
com riso celestial, úmido de meiguice:

“Eis a terma floral do gozo e do prazer:
amantes corações, vinde nela beber
a ventura que torna as afeições mais ternas;
mas, atendei-me bem, olhai que são eternas.

Eu vos permito aqui tudo nesta manhã:
tão somente evitai cair nas mãos de Pã.
Recomendo-vos muito e muito precavei-vos

do excesso, pois que o excesso excita e cansa os nervos;
o vinho do prazer embriaga muita vez,
e em assuntos de amor – nada de embriaguez.
Dou-vos mais um conselho, ainda que escusado:
‘Cada um a seu par limite o seu agrado’.”
E o vaso nupcial, em ondas copiosas,
começou de entornar, não as sanguíneas rosas
das trágicas paixões, mas botões virginais
da aromática flor dos verdes laranjais.
Ao romper os botões, as pétalas se abriam
e a alvinevosa poeira às auras despediam,
tanta que foi formando um nimbo na amplidão,
que a manhã envolveu em branca cerração.
E com pasmo dizia a gente, o espaço olhando:
“Que candidez de neve e que perfume brando!”
Eis que de toda parte amantes, dois a dois,
em grupos festivos vêm chegando, depois
de ouvirem pelo espaço o matinal convite.
E, no inefável gozo, eterno, sem limite,
sob as emanações balsâmicas do céu,
abraçado com Flora, engolfa-se o Himeneu.
Deste enlace manou a chuva de sementes,
que, caindo na terra, em ímpetos frementes,
germinaram por fim, com seiva tropical,
a flora deste imenso e verde laranjal,
onde nós, minha amada, em tempos não remotos,
trocando os corações, trocando nossos votos,
insculpimos num tronco, em alterno penhor,
juntos, teu nome e o meu, num só nome de amor.

AS LEMBRANÇAS
SULLY PRUDHOMME
(A Cesário Alvim)

Das velhas impressões da infância a ideia grata

perdura-nos fiel, volvam embora os anos;
em vão, do nosso Abril, as flores sofrem danos,
a imagem delas fica indelével, exata.

Ao contrário, ai de nós! – ninguém conserva intacta
a memória, apesar de esforços sobre-humanos,
das novas emoções, efêmeros enganos,
cujo traço se apaga, apenas se retrata.

Como esperto escansão que no banquete a taça
entretém sempre cheia, a cada vez que passa,
passa o tempo e nos enche a memória também.

A lembrança mais nova é a gota derradeira,
que, ao choque mais sutil, transborda e cai; porém,
no fundo, permanece a primitiva – inteira.



A VOZ DO MAR

(Ao Dr. Gustavo de Suckow)

A voz do mar serena, indefinida e vaga,
que a ondulação da brisa intermitente afaga
por noites de verão,
na alma contemplativa
desperta-nos à mente a quadra primitiva
dos tempos que lá vão...

Fecha os olhos, agora, e no espírito, em cheio,
as ilusões acolhe. Assim como quem veio
de um remoto país,
nas brumas da distância,
verás que vem surgindo a aprazível estância
verdejante e feliz
onde fumea o lar da tua mocidade,
sob o prestígio amargo e doce da saudade.

E a voz do mar, vibrando em tua fiel mente,
numa reprodução sensível às imagens,
 colora em luz nitente
 as complexas paisagens.
Vêm surgindo as florestas
da curva azul das ondas,
entre modulações de místicas orquestras.
Eis as copas redondas
das árvores frondosas,
espanejando no ar mil flores perfumosas;
 flores que não dão fruto,
mas cujo cálice doce angélico, impoluto,
 na manhã da existência,
verte aos lábios da infância o néctar da inocência;
perfumes que somente instila a Fantasia,
 alquimista dos sonhos.

Ei-los, mais perto agora, os píncaros risonhos
das montanhas natais. Cor, perfume, harmonia,
cantai, ardei, luzi! A plaga se aproxima
e mais e mais se anima.

Dentro em pouco, verás os entes mais queridos,
generosos e francos,
que te acenam da praia, em gestos conhecidos.
agitando em triunfo uns grandes lenços brancos,
És um ressuscitado; eles, sim, são os vivos;
no entanto, há muito já que a morte os tem cativos.

Foi longa tua viagem...

A outra não tornarás jamais em tua vida.
A volta, do passado à ridente paragem,
no olvido adormecida,
vale mais que a aventura
de uma época futura,
de um tempo sempre incerto,
quando mesmo o destino o faça um céu aberto.

.....

E sobre essa ilusão da Fantasia canta,
num prolongado som que o peito te quebranta,
e fascina e hipnotiza,
ao langoroso arfar da sonhadora vaga
e à ondulação da brisa,
a voz do mar serena, indefinida e vaga...



A UMA POETISA SATÍRICA

Se bem me lembro, um dia me disseste
que o gênero das sátiras cultivas.
Ortiga tu, a flor das sensitivas?
Anjo de amor – um Juvenal agreste?

Não, com certeza: a forma que reveste
tuas composições belas e altivas,
é bem diversa, embora pungitivas
firam, pois nascem do ideal celeste.

Astro, o fogo da sátira te inflama;
rosa, tens os espinhos do epigrama;
feiticeira, alfinetas em arminhos

Fizeste-me, entretanto, a alma ditosa
ferindo-a, pois bem sei que guardas, rosa,
as setas de Cupido entre os espinhos.



PALAVRAS DE UM AMANTE

ACKERMANN

Quando, feliz, me entrego à corrente infinita
do amor, que a alma transporta e o sangue faz arder,

e aperto febrilmente, ao seio que palpita,
um adorado ser;

Bem sei que o que eu abraço é um frágil amálgama
de misérias e luz, sob uma forma vã
e que esse coração, feito de argila e chama,
será cinza amanhã;

Que dele nem sequer uma faúla rápida
saltará, remontando ao foco que o gerou:
um punhado de terra e, por cima, uma lápida,
e tudo se acabou...

E vir, tranquilo, alguém, no instante angustiado,
em que, do espólio humano, a vida esvaeceu,
ante a fria relíquia, ante esse pó sagrado,
falar ainda em céu!

Eterno céu, dizeis! Que estranha ameaça aquela!
Ao amante infeliz que em desespero está,
por que atirar sem pena um nome que lhe gela
as fibras rotas já?

Pois quê! Mesmo apesar do sepulcro profundo,
o objeto deste amor querê-lo-ás, céu atroz?
– Um túmulo é bastante, eu não desejo um mundo
erguendo-se entre nós!

Em vão me respondeis em minha vil desdita:
“O ente que, aos braços teus, a morte vem roubar,
nesse céu contra o qual tanto se clama e grita,
no céu te há de abraçar.”

Mas que restituição! De outra auréola cingido,
cheio de outro pensar e cheio de outro ardor,
nada mais tendo em si desse ídolo querido,
outrora meu amor.

Ah! cem vezes melhor, é que desapareça
com ele quanto foi na vida; pois o mal
que me consome e punge é menos duro que essa
esperança fatal.

Contanto que ainda sinta, à mínima carícia,
bater um seio vivo em paixão – que, depois,
sobre o nada, a mesma onda imensa de delícia
nos arrebate, os dois.

Sem inútil queixume e sem saudade inútil,
com o que apalpo e vejo é que posso contar.
Não! Meu profundo amor numa ilusão tão fútil,
não se há de saciar!

De fato, de que serve o vosso céu enfermo,
se esta alma não é mais que ardor, voo e transporte?
Cá baixo é que é meu céu aberto, céu sem termo
e na vida e na morte...

Durar? Ó Natureza, ó poder incriado,
ao teu divino olhar quando se une um casal,
que importa ao seu amor saber que é limitado,
se se sente imortal?

Sente-se uma volúpia horrível que deleita,
em imergir no vácuo a olhar em paroxismo,
e, decerto, é mais forte o abraço que se estreita
à borda de um abismo.

Quando a morte fatal quebrasse esse invisível
liame que, um ao outro unidos, nos retém,
e eu sentisse escapar na angústia indescritível,
meu tesouro, meu bem;

Eu teria ainda força e, na mágoa suprema,

todo entregue a esse “adeus” que nos há de apartar,
nutriria bastante amor nessa hora extrema
para nada esperar!



ALMAS PARALELAS

Alma irmã de minha alma, espelho vivo
de outro espelho fio que te retrata,
alma de luz serena e intemerata,
cujo influxo de amor me tem cativo!

Bem sinto, que em mim vives e em ti vivo;
no entanto (e eis o desgosto que me mata!),
do amor a doce vaga me arrebatava
e não posso atingir teu vulto esquivo.

O mesmo curso têm nossos destinos
do gozo o mel, da dor os desatinos
a um nada inspiram, sem que ao outro inspirem.

Mas, triste sorte! Ó bela entre as mais belas!
Eles são como duas paralelas;
– Próximos correm, sem jamais se unirem!...



POEMAS ÍNTIMOS

I

Que doces ecos em minha alma acorda
teu grato nome, que a harmonia gera!
Perfúmeo, fresco e matinal, recorda
as alegres canções da Primavera.

Teu nome é a voz singela da verdade.

virgem, como teus seios virginais;
farol e lume, altar e divindade,
nele tenho os supremos ideais.

Dilacera-me o peito o duro cardo
de um desgosto que, há muito, me consome,
fica uma parte intata, nela guardo,
escrito em letras fúlgidas, teu nome.

E, ó minha irmã, ó minha terna amante,
quando eu saudar as imortais auroras,
unjam-me ainda o lábio agonizante
aquelas duas sílabas sonoras!

II

Quis ocultar-te este afeto,
a ti e ao mundo, com zelo
mas eis que, em verso indiscreto,
minha alma veio a dizê-lo.

A essência, acaso, se esconde?
Podeis num cofre guardá-la:
no cofre há sempre por onde,
por onde o aroma se exala.

Quando nossa alma sincera
nutre um amor inocente,
nossa alma o amor reverbera
como um cristal transparente.

Se, todavia, julgares
magoada tua beleza,
confiarei meus pesares,
em silêncio, à natureza.

E, em meu exílio, hás de vê-la
a inspirar-me, em meu exílio,

o teu nome em cada estrela
e em cada flor – um idílio.

III

És a primeira e o duvidas;
além de tudo és modesta,
entre as coroas, mais esta
joia das joias queridas.

Nem digas que o meu passado
mostra ser isto lisonja;
sobre o passado uma esponja;
só tu és meu bem amado.

Minha pena independente
nunca escreveu outro nome;
só o teu e este ficou-me
na alma escrito eternamente.

As zonas da fantasia,
vaguei-as uma por uma
em leve batel de espuma;
mas depois daquele dia...

Depois do dia risonho
em que te vi, no meu seio
palpita um único anseio,
anseia um único sonho.

É de erguer-te uma obra de arte
com odes imorredouras,
onde as gerações vindouras
venham em coro aclamar-te.

Então, ignoto profeta,
no olvido do mundo novo,

cantará na voz do povo
o teu artista-poeta!

IV

Tarde cinzenta de hibernar tristeza!
Ai! pobres andorinhas vagabundas,
levais no voo incerto as mágoas fundas
que o inverno espalha em toda natureza!

Flores que desmaiais, o sol deixou-vos
quando em botão apenas vos formáveis;
nem vos trará, flores inconsoláveis,
a primavera mais gentis renovos.

Como tudo está triste! Tudo invade,
nostálgico do sol, o inverno frio;
e o pranto, como um caudaloso rio,
os corações nos enche de saudade.

E vai correndo mais e mais copioso
e nos leva a boiar na escura vaga,
cresce mais e não vejo uma só plaga,
onde verdeje um porto bonançoso.

Vão-se as aves com os últimos fulgores
do sol... Vê-se, através de tuas mágoas,
vê se avistas, minha alma, além das águas
neste pélago uma Ilha dos amores.

V

Ao despertar, esta manhã, no leito,
tive uma estranha sensação de frio,
levei a mão ao peito: era vazio,
em vão busquei o coração no peito.

“Sem, coração, sem coração!”, disseste.
Porém, mal sabes que, durante o sono,

por te buscar foi que deixou seu dono,
voando na asa de ouro que lhe deste.

Sei que o reténs numa prisão de arminho
e ele beija teus seios onde mora.

Uma compensação é justa agora:
manda-me em troca o teu, guardo-lhe um ninho.

VI

Teu segredo é o segredo que, discreto,
guardo também desde o feliz momento
em que, almas gêmeas, nos uniu o afeto
no consórcio ideal do pensamento.

Vivo do teu segredo, o mundo estulto,
muito embora nos sonde com malícia:
façamos sempre por trazê-lo oculto
teu segredo, minha única delícia.

Armam-se, embora aéreas conjecturas,
fixando o norte do imã, que nos prende;
jamais serão sabidas as venturas
deste afeto que o mundo não entende.

E, abrindo as asas nossas almas juntas,
hão de pairar em plagas mais serenas
para, de lá, se rirem das perguntas
da curiosas multidões terrenas...



A MORTE DO POETA

“Pobre cantor agonizante!” – exclama
a esposa – “Celebraste meus encantos
em mil festivos, inspirados cantos;
morre em paz, tens segura a eterna fama.”

Soluçã a velha mãe, que a dor inflama:
“Não partas, fruto dos afetos santos;
irei, filho, por ti” – e o olhar em prantos
no espaço azul, pela amplidão derrama.

Foi desse triste e angustiado olhar
que a alma se desprende do moribundo
num puríssimo raio de luar...

E, buscando outras plagas, no outro mundo,
no éter incorruptivo e profundo,
foi, entre os astros imortais, rolar!



INVERNO E ESTIO

H. HEINE

Em tua face mora o ardente estio,
mas em teu coração – o inverno frio.

Tempo virá, querida, em que te passe
o estio ao coração, o inverno à face...



O GEMIDO

Há no gemido uma poesia triste,
um conjunto dramático pungente,
uma ideia sem forma equivalente,
e para a qual nenhuma nota existe.

No longínquo gemido não ouviste
alguma vez chorar uma alma ausente,
uma alma que soluça, por que sente

a agonia, que aos bálsamos resiste?

Será queixa? Mas a alma se exaspera,
e conforto nenhum jamais espera...
Será protesto? Falta-lhe a energia.

Para quem apelar? Nenhum ouvido.
Nele, um conjunto vejo todavia:
Queixa, protesto e alívio – eis o gemido



A MEU FILHO

(Durante uma oftalmia)

Que mal fizeste à luz do sol, meu filho,
por que um raio do sol assim te fira?
Vejo em teus olhos, onde a luz expira,
a, pouco e pouco, desmaiar o brilho.
Ah! o sol, que tem manchas, invejou-te
o puro olhar sem manchas, cor da noite

Dize ao sol invejoso e incandescente
que és frágil, pequenino e inofensivo;
que há um ano ainda não estavas vivo
e de teres nascido és inocente;
e que o inocente, ó filho que amo e zelo,
não tem culpa nenhuma de ser belo.



FLORESTA E MAR

Uma floresta é um mar. Que de rumores
em seu seio, onde a seiva ardente mora!
É o destino comum ao mar e à flora
ter a mesma tragédia, as mesmas dores.

Ambos mostram riquezas e esplendores:
o mar, pelas marés, pérolas chora;
e, ao receber a selva a luz da aurora,
surgem-lhe à tona, como espuma, as flores.

Que majestade no oceano, quando
vem a noite do espaço desdobrando,
sobre ele, a negra clâmide de Atlante!

Porém, quanto a floresta mais me agrada,
ostentando-se à luz da madrugada
rumorosa, aromática, brilhante!



A PUREZA

(À minha irmã D. Maria Augusta de Lima)

Nunca à impureza dediquei meus versos,
na blasfêmia de uma ode consagrando
os amores perversos.

Sinto minha alma revoltada, quando
vejo de galas revestido o vício,
ocupando no altar do sacrifício
o trono da virtude.

No ideal que procuro
só amo o belo, quando o belo é puro
e amo a pureza em toda a plenitude.

Eu deploro que o sol manchas ostente;
que, do lírio no cálice inocente,
não raro inseto imundo, ou verme ascoso,
venha abrigar-se...
Sonho a castidade,
um brilhante puríssimo sem jaça,

um brilhante formoso,
cuja luz não se embaça
quer na velhice, quer na mocidade.
Sonho a candura, que se não perturba,
mesmo ao jorrar-lhe quente das entranhas
o sangue virginal da puberdade;
e que, por entre a turba
dos amores profanos
e de paixões estranhas,
vai levando a puríssima capela,
tendo na boca purpurina e bela
somente os beijos castos de seus pais,
como na frente os beijos fraternais.

O amor por natureza nos fascina
e à união nos inclina;
a prole vem do amor naturalmente;
mas somente a pureza,
a pureza sem mácula, somente,
suplanta, vence e esmaga a natureza.
Nas lutas do destino,
sempre vitoriosa,
é belo ser esposa,
é sublime ser mãe, mas é divino,
ó mulher soberana,
ser pura, que a pureza é mais que humana!



INDESTRUTÍVEL

Debalde o tempo pérfido e faminto,
aos poucos me devora, entre torturas,
as ilusões mais belas e mais puras
e o próprio coração em sangue tinto.

Indestrutível dentro em mim te sinto,

como efeito das muitas desventuras,
grata lembrança que fiel perduras,
fria relíquia do passado extinto.

Assim, latente chama insidiosa,
que de mão malfeitora, ou descuidosa,
no solo cai de exuberante mata,

Troncos, flores e frutos, vencedora,
tudo arrasa, por fim, tudo devora,
menos a cinza que perdura intacta.



DEVANEIO FÚNEBRE

Amo mais visitar, que os opulentos paços,
a necrópole triste, os labirintos quietos,
onde dormem sonhando os velhos esqueletos,
postos, em cruz no peito, os carcomidos braços.

A paz dos mortos tem, para mim, certo encanto;
em noites de luar, de silêncio e de sombras,
julgo ver na extensão das úmidas alfombras,
em cada lírio uma alma; em cada gota, um pranto.

A morte aí parece uma deusa pacífica,
juntando em aliança o rico a o proletário
e, rainha sem par no trono do ossuário,
não tem, como no leito, a mesma forma horrífica.

Dos vegetais irmãos as torcidas raízes
abraçam, cordiais, os ossos dos que foram,
e as estrelas, do azul, o orvalho santo choram
sobre as urnas finais dos corações felizes.

Para enfeitar-te a trança, eu só desejo colhas,

ó minha amada, um ramo entre esta florescência;
que às vezes valem mais do goivo as tristes folhas
do que as folhas azuis do livro da Existência.



TEÓFILO DIAS

I

Jaz uma lira a balançar suspensa
dos braços de uma cruz, símbolos santos;
onde, porém, os hinos eram tantos,
onde, o cantor cheio de vida e crença?

Aves, chorai conosco a mágoa intensa!
Astros, que ele cantou, fazei-vos prantos!
Vinde gemer nos ecos de seus cantos,
florestas virgens, natureza imensa!

Na frágil urna, que encerrava a essência
divina dos eleitos, a existência
já não podia agora ser contida.

Que a palma de imortal, que ela procura,
quando a encontra, desfaz-se a criatura
na combustão do gênio destruída.

II

Maldita a chama, que, no crânio acesa,
cresta o organismo e o coração devora!
Maldito o sol, que mata, em plena aurora,
a obra prima da fértil natureza!

Já nasce o poeta com a lira presa
da nevrose que a fere de hora em hora,
e, quando vibra a nota mais sonora,
vem a morte buscá-lo sem surpresa.

Alma que foste um sol, alma de chama,
voaste, bem sei; mas há de a tua fama
ecoar em vastíssimo proscênio.

Verá, quem ler teu poético tesouro,
teu coração em cada estrofe de ouro,
em cada verso triunfal – teu gênio.



FRANCISCO OTAVIANO

Viver, princípio e fim, momento breve,
traço de sangue entre a alegria e o pranto...
Morrer, dormir: que outro destino deve
do mistério do além rasgar o manto?

Sonhar? Decerto sonha ele, que teve
todo o arrojo do Belo e todo o encanto;
cisne ideal nas penas cor de neve,
águia nas asas, rouxinol no canto.

Sonhar, não mais: é tudo quanto basta,
pois na ilusão ficou-lhe a vida gasta
no encalço de intangível misterioso.

Se, dos sonhos, no entanto, o peregrino
desejou ir além, foi seu destino
dormir o eterno sono glorioso!



A ÁGUIA CEGA

(A C. C. Branco)

Após longas derrotas pelo espaço,

tendo fitado já de perto os astros,
a Águia baqueia e, pelo chão, de rastros,
mal as asas suporta de cansaço.

Contudo, vive: seu olhar agora,
em que a luz do universo se condensa,
reflete a máxima energia intensa
que se expandia no seu voo outrora.

E que lhe importam essas asas, quando
seus grandes olhos no infinito voam
e de mundos sem termo se povoam,
os passados arroubos relembrando?

Súbito (ó sorte mísera imprevista!)
em pleno meio-dia o sol se apaga
e da negra cegueira a fria vaga
banhou-lhe o cérebro e extinguiu-lhe a vista!

Disse-lhe, então, alguém: “É tua sorte
ouvir hinos eternos doravante;
viva terás a glória irradiante.”
– Mas a Águia cega preferiu a morte.

PRIMEIRA PARTE

DÚVIDA

A Raimundo Correia

NUNCA!

(A Rodolfo Paixão)

“É cedo!” – ao homem uma voz responde,
quando, recém-nascido, o olhar aberto
pela primeira vez, levanta incerto,
interrogando o fado que se esconde.

“É cedo ainda.” Do zênite já perto
o espírito, por mais que inquirir e sonde,
a mesma voz, que vem não sabe d’onde,
repete o cruel dístico encoberto.

Fitando o ocaso, afaga uma esperança.
“Espera”, diz-lhe a voz, e não se cansa
de esperar que do ocaso venha a aurora.

E a noite vem. No vítreo olhar silente,
morto, ainda interroga avidamente...
– Porém, responde a voz: “É tarde agora!”



A UM OTIMISTA

Pensas que são inteiramente nossos
nossos corpos de argila? Não no creias.

Para reter a vida, em vão anseias:
dela não guardarás sequer destroços.

Não tens, fingido herdeiro de colossos,
destinado a guardar coisas alheias,
nem o sangue que corre em tuas veias,
nem a sutil medula de teus ossos.

Uma voz noutra voz reproduzida,
reproduzindo antiga voz perdida,

o eco responde à voz – eco também...

Ris-te da sombra que refletes? Ri-se
também de ti a sombra: quem te disse
que não és – olha atrás! – sombra de alguém?



HUMUS HOMO

(A João Pinheiro)

Há qualquer coisa que nos solicita
dentro da terra, e liga (obscuro arcano!)
seu coração e o coração humano:
quando um deles palpita, o outro palpita.

Urna sem par da humanidade aflita,
Céres nutriz faz do suor insano.
O homem que, por castigo, é soberano
seu ventre famulento não evita.

A terra é do homem, o homem é da terra;
tudo quanto este encerra, aquela encerra:
a mesma essência, idênticos destroços.

Ah! quando encaro a terra pelo instinto
fatal de meu destino, tremo e sinto
dentro da carne estremecer meus ossos!



DE PROFUNDIS

Não serei eu quem, lamentoso, brade
do profundo negror da infanda sorte;
pois já não teme o aniquilado a morte,
para que aos céus implore inda piedade.

Pela turva espiral de trevas há de
ir minha alma descendo, ativa e forte,
até que, por destino, enfim, suporte
o destino comum à humanidade.

Sucede à dor, que punge, dor pungente,
e se à esperança o coração se abraça,
é que mais rudes golpes já presente.

Mas um consolo há na desgraça:
não penhorar a condição presente;
pois do fundo do abismo ninguém passa!



ESTÂNCIAS FILOSÓFICAS

I

Há muito que folheio o livro do destino,
roteiro que de Ahasvero, há séculos, herdamos:
Leitor e peregrino,
busco a palavra – *fim* e acho a palavra – *vamos*!

II

A crença é a pretensão de ver em plena treva;
sinto que há, mas não vejo, um fundo em cada abismo.
Entreguemo-nos, pois, à sina que nos leva...
– E eis aí porque a crença é mãe do ceticismo.

Debalde a liberdade humana se escraviza,
há de sempre a razão ficar vagando solta,
e ante o *crer ou morrer* da trágica divisa,
rompe do próprio dogma um grito de revolta!

III

O manancial da Vida é um só, porém, milhares

são as bocas; por isso ocupam os lugares
aqueles, que, ligeiros,
se antecipam. E, assim, os últimos, aos pares,
contentam-se em beber o sangue dos primeiros.

Feliz quem, ao nascer, durou somente uma hora,
e, inviável à luz, anoiteceu na aurora,
sem mesmo ter bebido
no leite maternal o sangue que avigora...
Porém, muito melhor é nunca ter nascido...

IV

Vai sepultar-se alguém: ao féretro, que encerra
seus restos, rola o pó no derradeiro abrigo.
Os amigos em coro exclamam: "Pobre amigo,
seja-te leve a terra!"
E atiram-lhe mais terra...

V

O homem de gênio em toda parte avista
a humana contingência e pequenez;
águia sem voo, por tão vil conquista
bem pouco vale mais que a Estupidez.

Não ter asas, em que a alma se levante,
é para lastimar;
mas, pior: é ridículo e humilhante
tê-las nos ombros sem poder voar!

VI

Qualquer esforço, por mais leve, rompe
da honestidade a túnica inconsútil;
nem depois o remorso e o pranto inútil
podem delir a nódoa que corrompe.

Nunca a própria virtude e a alheia ofendas:
é um cristal puro, que, uma vez quebrado,

se os fragmentos unires, emendado
conserva os traços negros das emendas.

A virtude, que é virgem, não tolera
a espúria união do vício arrependido;
a queda é sempre queda, e nem o olvido
converte em bom o mau que dantes era.

Prefiro o arrojo, o franco atrevimento
do vicioso revel, que afronta o abismo,
a essas almas, que morrem de histerismo
na covardia do arrependimento.

VII

Triste contradição que um tribunal degrada!
Se o direito, afinal, na igualdade descansa,
porque é que da justiça então dais à balança

o apêndice fatal de uma sinistra espada?
Ou incendiado em ira, ou de ânimo sereno,

o julgamento arranca um ai! sempre aos vencidos:
Balança e Espada, sois os símbolos unidos
da decisão de Breno!

VIII

No derradeiro olhar do moribundo,
aos amigos em roda de seu leito,
há uma ameaça de feroz despeito:
“Cá vos espero a todos no outro mundo!”

No rosto, a piedade e, nos refolhos
da alma, um terror, que as carnes arrepia,
aproximam-se todos e, à porfia,
todos se apressam em fechar-lhe os olhos.

IX

A pragmática vã do despotismo culto
prescreve, entre milhões de normas que define,
que, diante de *el-rey*, o súdito se incline,
porque um diminuindo, assumo o outro mais vulto.

Tu, Liberdade, não! Planeta sempre novo,
tens o engaste no céu da consciência humana;
por isso, a tua luz serena e soberana
se eleva tanto mais quanto mais alto é um povo!

X

Aves de arribação, em bandos forasteiros,
voamos febrilmente aos páramos da aurora.
A sede nos consome, o espaço nos devora:
a partilha da luz será para os primeiros.

Ir à frente! Se alguém, com asas mais possantes,
te toma a dianteira enquanto o voo atrasas,
não trepidas: sem dó, cortas-lhe então as asas
e com elas lá vais à frente como dantes.

Em teus ombros, porém, vencidos de cansaço,
dentro em pouco verás que essas asas alheias,
pesam como uma cruz; e exâmine baqueias,
arrojado no espaço!

Como tu, vão caindo outros aventureiros,
enquanto em voo lento, a multidão agora
de outros de asa menor vai conquistando a aurora;
e os últimos serão os únicos primeiros.

XI

Que vão orgulho, o teu, pobre ciência!
Com instrumento humano buscar ousas
o segredo recôndito das coisas,
o recôndito arcano da existência!

Se, em decompor, da víscera à epiderme
a tua análise única consiste,
já muito antes da química preexiste
a dissolvente análise do Verme!

XII

Disse o sublime Mestre (antes nunca o dissesse!):
“Não saiba a esquerda o bem que a mão direita presta.”
Veio a Filantropia e, para ser modesta,
com a mão direita oculta... em público aparece.

Disseste-o mal, ó Cristo; a caridade, ufana
de renome, melhor derrama os benefícios;
mas quiseste riscar do número dos vícios,
em prol do benfeitor, a ingratidão humana.

XIII

Maldito sejas, sórdido interesse,
que os corações embriagas e envenenas!
Bendita a dor daquele que padece
por se despir das ambições terrenas!

Bendita a dor, ó mártires! No entanto,
sois pretendentes a um lugar na História:
o vosso egoísmo é bem maior, porquanto
vendeis o próprio sangue pela glória!

XIV

A treva me asfixia, a plena luz me obumbra,
faz-me tédio a penumbra:
onde hei de o gozo achar?
A ignorância é cegueira, as ciências – ateísmo,
a indiferença – morte, e a alma humana – um abismo
misterioso, profundo e amargo como o mar!

XV

Na hipocrisia, existe mais franqueza
do que naquilo que chamais reserva.
Aquele só dos vícios a torpeza
no interior recôndita conserva.

Ao passo que esta, sempre variável,
oculta ora a virtude, ora o defeito.
O hipócrita direis que é um miserável;
mas antes miserável, que suspeito!...

Por uma lei funesta existe em toda parte
o selo de uma eterna antítese irrisória,
com o “sim” e o “não” em luta, o mundo se reparte,
elevando a Babel universal da História.

O canto da ave sai do bico com que fere,
no interior de um beijo ocultam-se incisivos,
junto do seio que ama há o ventre que digere,
e, afinal, a existência é um túbulo de vivos.

XVII

O homem tem o direito, a fera tem os dentes;
mas pela mesma lei se rege a natureza:
o homem e a fera vão, no ataque ou na defesa,
vertendo em seu proveito o sangue aos outros entes.

Suga o materno seio a boquinha vermelha
da criança; a formiga uma colmeia invade...
Pois não é sempre o sangue, embora a variedade,
ou no leite materno, ou no favo da abelha?

XVIII

Nossa vontade, que é nos atos forte,
a ponto de afrontar a própria morte,
não tem, contudo, forças e energia
ante o assalto invasor, que, num momento,
faz em nós criminoso pensamento,

que, aliás, repelindo renuncia.
Repele-o, ele resiste;
vergasta-o com a virtude, porém, triste,
vê-se obrigada a abandoná-lo intacto.
E ele fica em nossa alma, solapando,
destruindo-lhe as forças, até quando
possa encarnar-se em ato.

A força de vontade é a melhor prova
de nossa mesquinhez; se não renova
a cada ideia má o impulso ousado
da resistência heroica, o heroico esforço;
ela é a primeira, que amolece o dorso
aos lúbricos afagos do pecado.

Porém, não há virtude, nem cilício
que apague da alma inteiramente o vício,
por mais pura que seja e mais pudica.
Vença embora a virtude alta e sublime;
proscreeva-se com zelo o infame crime:
mesmo vencido, – o pensamento fica!

XIX

Natureza assassina, é sempre teu processo
formar na destruição o universal progresso.
Para a planta crescer – tens o *humus* e o calor;
para que ela floresça – inspiras-lhe o carbono;
e, finda a primavera, ao lourejar do outono,
para tornar-se em fruto – há de morrer a flor!

XX

É belo o amor filial, é muito belo
o amor dos pais, da esposa, o amor fraterno:
nesse vínculo santo existe o selo
de um sentimento legendário e eterno.

Mas vão-se os troncos da família. À glória

dessa união – rasga-se outro cenário
– dos troncos mortos a fiel memória
se perpétua... em autos de inventário.

XXI

Lavra por toda parte a revoltosa chama.
Com aparente calma, a Natureza austera
sente que íntima raiva os seios lhe lacera.

Ergue-se e assim exclama:
“Não quero obedecer! estrelas, extingui-vos;
arde, vegetação; velai-vos, céus altivos;
abre-te, abismo; estanca, ó mar, teu pranto insano!”

Mas o céu continua a florescer de estrelas,
a terra a se estrelar de flores sempre belas
e como d’antes a água a encher o vão do oceano.

E a Natureza, então, terrível e funesta,
não podendo vencer a sujeição que a invade,
põe as nuvens no espaço, o incêndio na floresta,
nos montes os vulcões, no mar a tempestade!

XXII

O apetite voraz que nos consome,
irmãos nos faz das feras mais cruéis;
eis o dilema, a grande lei das leis:
Ou devorar, ou perecer de fome.

Devorar, devorar todos os dias
da subsistência o disputado pão,
quer seja ganho com a nossa mão,
quer com o suor de alheias agonias.

Sejam ferozes, sejam inocentes,
os animais a mesma carne têm;
somos carrascos e, no próprio bem,

range uma guilhotina em nossos dentes.

Lobo não come lobo; a nosso turno,
o semelhante respeitamos nós...
Bem se vê que o antropófago feroz
é mais franco e mais lógico Saturno.

XXIII

Que nos resta depois da ríspida batalha,
dos naufrágios sem fim, de tanta insana lida?
A tudo envolve a vasta e lúgubre mortalha,
e exclamamos, então: “De que nos serve a vida?”

Foram-se os sonhos bons. As almas sentem frio,
perdidas na orfandade e presas da descrença,
e, do espaço minaz, de antigos sóis vazio,
cai com asas de abutre a noite eterna e imensa.

Não! Nesse cemitério ainda fosforesce
a pálida razão, do espírito irmã gêmea,
e, do negro mar morto, eleva-se e aparece
rubra, feroz, revel – a rocha da Blasfêmia!

XXIV

Este globo – tão grande! – é um átomo invisível
no universo, e esse mesmo universo, é possível
que obedeça a outros sóis errantes pelo espaço,
ligados entre si por misterioso laço.
Vai decerto esse laço a outros centros de vida,
que é lei da Progressão ser sempre indefinida...

E além, e mais além, na imensidade etérea,
quem sabe dos bilhões de formas da Matéria!
Oceano infinito, onde *ab eterno* brilha
a grande nebulosa apenas como uma ilha!
E ainda... (o éter não tem marco, ou raias extremas)
quem nega as sucessões dos orbes, dos sistemas?

Basta! Mil eras já, que dali uma seta
de luz, tirada à cauda ardente de um cometa,
consoma a percorrer o sideral caminho,
nunca há de vir ao sol, grão de areia mesquinho.

Infinitos, dizei-me: a Terra soberana
onde fica? Onde fica a criatura humana?



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com